

A queda das torres: comentários o intervalo

Há acontecimentos que dispõem de uma carga simbólica capaz de interromper os habituais desempenhos jornalísticos. O que ocorreu nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001 é um exemplo claro disto. Imediatamente após as ações terroristas atingirem as duas torres do World Trade Center e o Pentágono a mídia começa a situar o ocorrido como um acontecimento que marcaria a história da humanidade.

Hoje, 03 de outubro, aqueles acontecimentos ocupam, possivelmente, destaque na mídia de todo o mundo. Há dias em que a guerra é uma questão de horas. Há dias em que o dia 11 de setembro é inserido nas agendas jornalísticas como uma espécie de primeiro tempo que aguarda um tempo complementar. O intervalo é preenchido por notícias que, em si mesmas, funcionam como preparativos para a “ação reparadora”. Nessa construção o mundo é dividido entre os que apoiam essa ação e aqueles que a sofrerão. Em tal divisão, há *o mundo* e o lugar onde habita aquele que seria responsável pelos atentados.

No intervalo entre o primeiro e o segundo momento, a mídia tenta dar conta de apresentar um país que até pouco tempo gozava de uma quase inexistência midiática, ou seja, era real mas não fazia parte da realidade construída midiaticamente, a não ser no início dos

anos 80, quando os russos tentaram ocupá-lo.

O “acesso” ao Afeganistão é monitorado por peritos. Da geografia é preciso revelar elementos que vão desde a posição geográfica no mapa às condições climáticas, passando pelos relevos. Das dicas geográficas chega-se à geo-política, especialmente, através da explicitação das fronteiras e a posição adotada ou, pelo menos, esperada, pelos estados fronteiriços. A economia dá conta de um país sem muito recursos, especialmente tecnológicos, ilustrando condição de atraso e isolamento que torna mais enigmática a sua própria existência. A história assume uma posição de comando, especialmente, na tentativa de explicitação de uma questão que se coloca como crucial: quem é esse povo?

Aos poucos, a mídia adota um viés didático-pedagógico, oferecendo ao mercado uma resposta provisória, enquanto não consegue a coletiva com o próprio Osama bin Laden. É interessante observar o quanto a falta do indivíduo singular é compensada por uma explicação daquele mundo de onde ele emerge. Laden é fruto daquela história, daquela cultura, daquela religião, daquela geografia... Mas os peritos dão mais dicas, mais elementos para a construção de um quadro mais complexo. No panorama mais denso, bin Laden não é fruto e sim a erva daninha daquele lugar tão frio, tão distante, tão triste... aquele lugar

que, na mídia, só tem existido quando em conflito com grandes potências.

Para lá, de acordo com a revista *Veja* de 3 de outubro de 2001, foram deslocados esforços militares capazes de detectar até o vôo de um pardal. A revista dá conta de uma operação que cerca o país: “no anel exterior fica a poderosa força naval dos americanos. (...). No círculo intermediário estão o Paquistão e as antigas repúblicas soviéticas que fazem fronteira com o Afeganistão. Nesses pontos todos já atuam unidades de combate das chamadas forças especiais”. Além do cerco, o semanário noticia que “alguns comandos americanos e ingleses já estavam vasculhando montanhas do Afeganistão na última sexta-feira”. O semanário indica também uma vitória conseguida a partir do “esforço diplomático” que assegurou o isolamento do Talibã. Um outro nível de isolamento diz respeito ao estrangulamento “dos recursos financeiros que o terror manipula, sobretudo em paraísos fiscais”.

Depois de uma descrição minuciosa do poderio americano no conflito, a revista realça a condição do Afeganistão, adotando uma posição francamente americana: “para tornar ainda melhor a situação para os americanos, as

precárias redes de fidelidade tribal que o governo do Talibã havia conseguido montar no país estavam se esfacelando na semana passada”. Revela ainda a revista, através de números redondos e distribuídos entre países fronteiriços, a fuga da população afegã de seu país. Este aspecto é interpretado: “não é difícil entender o pânico, em vista da ameaça da máquina bélica americana”.

A essa altura o leitor já sabe do frio, da precariedade de recursos, do fanatismo religioso. O leitor já tem pena daquela gente que está submetida ao domínio de Laden. Aos poucos a guerra passa a “interessar” aos próprios habitantes daquele país, pensa o mundo ocidental. E enquanto a guerra ganha corpo no imaginário coletivo, a rede americana CNN detém a hegemonia sobre a construção de imagens. E como nesse momento a guerra está baseada na produção de imagens, pode-se dizer que a CNN é um dos componentes do aparato bélico.

Aos poucos o didatismo midiático vai colaborar com a legitimação de posições de navios, aviões e tanques do *mundo* contra um lugar pendente. Um lugar que sintetiza o *outro*, charmosa categoria que tem tido pouca chance de se inscrever no conflito das imagens.